

## SEVERO D'ACELINO: UM INTELLECTUAL PAN-AFRICANISTA

Petrônio Domingues<sup>1</sup>  
Doutor em História (USP)  
Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
pjdomingues@yahoo.com.br

**Resumo:** O artigo pretende reconstituir a trajetória e a produção intelectual de Severo D'Acelino, um escritor, ator, diretor de teatro, produtor cultural e ativista negro sergipano. A ideia é demonstrar como a obra desse intelectual, notadamente sua produção literária, confere centralidade à questão do negro, contribuindo para fomentar novas narrativas, abordagens, subjetividades e práticas epistêmicas no campo das relações étnico-raciais.

**Palavras-chave:** negro, raça, afro-diáspora, literatura, intelectual.

## SEVERO D'ACELINO: A PAN-AFRICANIST INTELLECTUAL

**Abstract:** The aim of the present article is to retrace the path taken by, and the intellectual production of, Severo D'Acelino, a writer, actor, theater director, cultural producer and black activist from Sergipe State. The idea is to show how his work, mainly his literary production, gives centrality to the African-descendant matter and helps fostering new narratives, approaches, subjectivities and epistemic practices in the ethnic-racial relations' field.

**Keywords:** black, race, afro-diaspora, literature, scholar.

**Texto recebido em:** 15/06/2019

**Texto aprovado em:** 10/11/2019

---

<sup>1</sup> Bolsista Produtividade em Pesquisa (CNPq). Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6212236670265547>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0116-5064>.

“O trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação”  
Bell Hooks (1995:466)

Este ensaio pretende reconstituir, em linhas gerais, a trajetória e a produção intelectual de Severo D’Acelino, tendo sido produzido, originalmente, para subsidiar a sua indicação para auferir o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Antes, porém, cabe uma advertência: o termo intelectual vai ser utilizado aqui na acepção mais ampla, de pessoas que, para além de manejarem “capital cultural” e “poder simbólico”, produzem “conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social”. Desse modo, “tais sujeitos podem e devem ser tratados como atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social” (GOMES; HANSEN, 2016:10). Os intelectuais negros, particularmente, provocam a reflexão de que uma universidade que se pretende democrática deve ser reconhecida não somente pela sua contribuição teórica para o campo da produção do conhecimento e para o avanço tecnológico que consegue desencadear na sociedade. Esse reconhecimento passa, necessariamente, pela sua capacidade de se colocar diante dos problemas e demandas sociorraciais do seu tempo e gerar conhecimento e ações que impulsionem a própria ciência a se democratizar cada vez mais e se redefinir por dentro e por fora (GOMES, 2010:495).

Diante dessa advertência, propor a concessão do título de Doutor *Honoris Causa* a Severo D’Acelino assume um caráter de reparação de uma injustiça do meio acadêmico, que negligencia a contribuição intelectual que esse escritor, ator, diretor de teatro, produtor cultural e ativista afro-brasileiro vem legando a Sergipe – e porque não dizer ao Brasil – ao longo de pelo menos cinco décadas de perseverante e fecundo trabalho de produção cultural, criação ficcional, pesquisa e divulgação de ideias acerca do lugar diferencial dos negros e negras em nossa sociedade.

D’Acelino protagoniza uma surpreendente trajetória pública como homem das artes, das letras, da política e do pensamento, sem ter até pouco tempo nos meios acadêmicos o reconhecimento que sua obra merece. Durante muitos anos o nome dele sequer aparecia como

intelectual cujas produções e reflexões têm contribuído no campo das Ciências Sociais, Educação, Letras e Artes.

Com efeito, não há em Sergipe quem compartilhe de uma visão social crítica que desconheça o papel singular de D’Acelino. Sem dúvidas, diríamos que seu legado intelectual e político inspirou e fundamentou a ação de gerações inteiras de militantes negros e dos direitos humanos enfronhados na luta antirracista, a pleitear reconhecimento, afirmação e valorização em um estado que os mantinha na invisibilidade. Por isso, lembrar o valor e o aporte desse legado não deixa de ser um ato de reparação, e nesse sentido está carregado de simbolismo – especialmente neste momento sombrio, de recessão democrática, pelo qual a nação brasileira está passando, em que as garantias sociais e os direitos humanos arduamente conquistados encontram-se em risco (DEMOCRACIA EM RISCO?:2019).

Mas quem é Severo D’Acelino? O que caracteriza a sua vida pública, sua obra e suas realizações? Personagem emblemático da cultura afro-sergipana, José Severo dos Santos, mais conhecido pelo cognome Severo D’Acelino, nasceu em 3 de outubro de 1947, na casa onde ainda reside, no bairro Siqueira Campos (antigo Aribé), cidade de Aracaju (SE). Filho de Acelino Severo dos Santos e Odília Eliza da Conceição – ambos negros e migrantes do Vale da Cotinguiba, a região mais pujante economicamente de Sergipe no período escravista devido à produção açucareira – e neto de Mãe Eliza, última descendente escrava da família e conceituada ialorixá vinculada ao culto nagô, D’Acelino cresceu no Siqueira Campos, um bairro da periferia da capital sergipana. De família humilde, desde a tenra idade auxiliou a mãe, uma habilidosa doceira e vendedora de acarajé, nas lides diárias. Seu pai era trapicheiro e roceiro.



Figura 1: Carteira de identidade da Marinha de Severo D'Acelino.<sup>2</sup>

A trajetória escolar de D'Acelino compreende os anos de estudo nos colégios Pestalozzi, Arnaldo Garcez e Rodrigues Dória. Com cerca de quinze anos de idade, ele ingressou na Escola de Aprendiz de Marinheiro, em Salvador, onde se formou e iniciou a carreira militar. Serviu como marinheiro no Rio de Janeiro. Passou, porém, uma temporada na cidade de Florianópolis (SC), onde estabeleceu os primeiros contatos com o ativismo negro. Em 1968, D'Acelino regressou a Sergipe, reformado pela Marinha do Brasil e aposentado por invalidez, após ficar mais de dois anos internado em um manicômio, no Rio de Janeiro. Reequilibrado e disposto a retomar os estudos, matriculou-se na escola Presidente Vargas, a unidade de ensino de seu bairro. Foi nesse contexto que ele começou a desenvolver atividades relacionadas à arte teatral. Liderou um coletivo de estudantes da escola e, a partir dali, fundou o Grupo Regional de

<sup>2</sup> Quando não apresentada, a autoria das fotos no presente artigo é do autor deste artigo.

Folclore e Arte Cênica Amadorista Castro Alves (GRFACACA), ainda no ano de 1968 (BRITO, 2000:30).



Figura 2: Carteira estudantil do Ginásio Presidente Vargas de Severo D’Acelino, em 1969.

Era a época em que a ditadura militar chegava ao seu apogeu no Brasil, perseguindo quem quer que ousasse a discutir o problema do racismo (SKIDMORE, 1994:137; ALBERTO, 2011). Por causa disso, o GRFACACA não fazia referência direta à problemática da *negritude*. Até a da década de 1970, o teatro folclórico, partindo do romanceiro popular do Nordeste, assumiu primazia dentre as várias atividades artístico-culturais realizadas pelo grupo. Depois de concluir o curso de ensino fundamental na escola Presidente Vargas, D’Acelino iniciou o ensino médio na Escola Técnica Federal de Sergipe, onde, paralelamente ao curso de Eletrotécnica, procurou agitar a cena cultural, promovendo cursos de formação teatral, eventos artísticos e montagens de espetáculos. Quando terminou o equivalente ao ensino médio, fez incursões em dois cursos universitários: no de Licenciatura em História, da Universidade Federal de Sergipe, e no Bacharelado em Direção Teatral, na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. Entretanto, acabou evadindo-se de ambos os cursos.<sup>3</sup> A partir de então, ele

<sup>3</sup> Entrevista do autor com Severo D’Acelino, realizada na cidade de Aracaju, em 05/10/2019.

passou a se dedicar de corpo e alma às atividades ligadas à faina teatral, cultural, intelectual e política, brandindo alto a causa negra, tal qual seu quase um metro e noventa de estatura.

D’Acelino selou enlace matrimonial com Maria José Dias Porto Severo dos Santos, com quem tem um casal de filhos – Obanshé e Iyanzamá Severo D’Acelino e Porto. Em sua carreira, é autor de seis livros publicados – *Racismo nas escolas e educação em Sergipe* (1998), *Panáfrica África Iya N’La* (2002); *Mariow: o terreiro de Ba’ Emiliana* (2008), *Opará revisitado* (2016), *Quelóide* (2018), *Cânticos de contar contos* (2019) –, entre os quais fazem parte coletâneas de poemas, contos e ensaios, sem falar que ele é organizador de mais de uma dezena de monografias, apostilas e cadernos pedagógicos.



Figura 3: Livros de autoria de Severo D’Acelino.

Como ensaísta e pesquisador autodidata, D’Acelino vem se distinguindo com investigações que giram em torno das culturas negras e afroindígenas, com ênfase na cultura popular e religiosa, em Sergipe, no Brasil e nas Américas. Nesse sentido, ele tem enfrentado um dos grandes desafios dos intelectuais negros, que é produzir conhecimento sem despojar a sua forma de ser e ver o mundo em uma perspectiva afro-brasileira.

Seu nome vincula-se, especialmente, ao universo da literatura. Seus poemas e contos reportam-se à experiência e vicissitudes negras, salientando a necessidade de reconhecimento

e visibilidade desse grupo étnico-racial. Referências africanas, ecossistema, cultura popular, identidade, religiosidade, empoderamento feminino, representações e diferenças étnicas, história, mitologia, tradição oral, memória, corporeidade e ancestralidade são alguns dos aspectos que norteiam sua produção ficcional. Sobre a importância de D’Acelino para o campo cultural e literário sergipano, a avaliação de Rosemere Ferreira da Silva – doutora em estudos étnicos e africanos (UFBA) e professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – é elucidativa:

Pelas pesquisas realizadas em arquivos, através de levantamento de fontes bibliográficas, entrevistas, leituras, empreitadas em bibliotecas, livrarias e principalmente discussões em torno da questão da formação de identidades afro-descendentes em Sergipe, tenho convicção de que só podemos nos referir a uma produção literária, intelectual e cultural voltada para uma inserção e um diálogo com a formação da literatura afro-brasileira em Sergipe, a partir do trabalho realizado por Severo D’Acelino (SILVA, 2008).

O primeiro livro de D’Acelino, *Racismo nas escolas e educação em Sergipe*, publicado em 1998, trata-se de um opúsculo, em que o autor faz uma sucinta reflexão sobre o problema do racismo no sistema de ensino em Sergipe e, a partir daí, apresenta uma proposta de intervenção, a fim de eliminar o problema. O texto da obra foi originalmente apresentado no IV Encontro de Negros do Norte e Nordeste, que ocorreu na cidade de Maceió (AL), em 1984. Posteriormente, foi transformado em projeto e submetido ao Conselho Estadual de Educação de Sergipe, tendo sido aprovado em 1986. A obra ainda traz uma miscelânea de artigos publicados na imprensa sergipana sobre a proposta de incluir a temática do negro no currículo escolar (D’ACELINO, 1998)

Já no livro de estreia de D’Acelino no mundo da poesia, *Panáfrica África Iya N’La*, de 2002, há uma preocupação de recompor um mosaico fragmentado e disperso de experiências negras à luz de suas conexões afrocentradas. São memórias e tradições de ancestralidade africana que, embora redefinidas nos domínios da diáspora pelo concurso da relação dialógica existente com a cultura ocidental, permitem que o passado possa ser burilado e reinventado no presente, por meio de uma narrativa poética que assume a história como manancial cultural que ressignifica e fortalece a identidade afro-brasileira (D’ACELINO, 2002).

A propósito da construção de uma identidade específica, o autor parece se apropriar da África com um sentido mítico, na medida em que ela passa a evocar as suas raízes, os seus antepassados, a sua *raça*, a sua história e seu modo de ser. Por outro lado, esse esforço em exaltar a origem africana expressa uma tentativa de marcar diferenças, delimitar sinais diacríticos. Desse ângulo, o sentido de “Panáfrica” é de resistência cultural e política. A resistência da cultura afro-brasileira herdada dos costumes e das tradições africanas reelaboradas nos rituais de candomblé, nos enredos das escolas de samba e nas cosmovisões e formas de viver dos quilombolas. Panáfrica corresponde, assim, à preservação de uma memória afro-diaspórica, pronta a ser acionada na reconstrução do patrimônio histórico-cultural de um grupo étnico-racial que agencia os signos da sua cultura para afirmar a diferença.

Conforme argumenta Rosemere da Silva, a obra de Severo D’Acelino pode ser lida como uma “produção da literatura afro-brasileira porque seu conteúdo literário discute a problemática do ser negro. O sujeito negro é colocado em primeiro plano”. Nesse sentido, falar do cotidiano dessa comunidade “acaba sendo o fio condutor que direciona a organização de sua escrita, objetivando uma expressão mais definida, do entender-se negro no nosso país. As experiências vivenciadas com o negro estão traduzidas em cada linha de sua poesia” (SILVA, 2008).

No livro *Mariow: o terreiro de Ba’ Emiliana*, que veio a lume em 2008, D’Acelino conta a história de um tradicional terreiro de candomblé, sob o comando de Ba’Emiliana, uma ialorixá que cimentou seu matriarcado na religião de culto aos orixás. Sua narrativa adota Sergipe como ponto de referência e irradiação do legado cultural afro-diaspórico, imprimindo marcas, cores e expressões locais aos cenários semióticos do misticismo nagô, com sua tradição oral e cosmogonia ancestral – ao ritmo cadenciado dos atabaques, sinos e agogôs (D’ACELINO, 2008).

*Mariow* reveste-se de importância múltipla no conjunto da produção de D’Acelino. Primeiro, pelo cultivo de um gênero literário – o conto – somenos frequentado pelos escritores afro-brasileiros, quando comparado com seus pares de outras plagas das Américas.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> De acordo com Rosemere da Silva, D’Acelino estreiou sua publicação de contos na seção *Contos Afro-Sergipanos* do jornal *Gazeta de Sergipe*, no dia 10 de março de 2004. “É neste espaço que o conto *Negra Conceição: a guerreira de Mulungu* ganha sua primeira divulgação. Além de contribuir para ativar uma seção cultural inédita no jornal da cidade”, D’Acelino “aproveita para resgatar valores culturais relativos à cultura popular negra, até então ignorados pela cultura local” (SILVA, 2006).

Acrescente-se a isso, estamos diante de uma mulher negra como protagonista da trama, uma zeladora da tradição religiosa iorubá, o que não nos parece ser algo fortuito. Aquilo que aparenta ser tão somente uma escrita sobre *Ba' Emiliana*, em termos do registro memorialístico de vivências e experiências ancestrais, pode (e talvez deva) ser lido como uma metonímia, uma escrita sobre a história, cultura e identidade coletiva da população afro-brasileira.

Em 2016, D'Acelino publicou *Opará revisitado*, uma compilação de poemas cujos temas tratam do rio ou nos quais são utilizadas diversas metáforas marítimas ou fluviais para registrar a homenagem do autor ao Rio São Francisco, seu ecossistema, seu lendário e às comunidades tradicionais que vivem nas adjacências (ribeirinhos, quilombolas, sertanejos e indígenas). O livro também aborda a temática afro-brasileira, em sua dimensão religiosa: o universo do candomblé, seus mitos, símbolos, rituais e relação com a vida, os costumes e a cultura dos povos do rio (D'ACELINO, 2016). Em 2018, veio à tona *Quelóide*, livro de poemas em que D'Acelino confere centralidade à identidade negra, sua fluidez, suas reinvenções e ambiguidades em diversos âmbitos da sociedade brasileira e, em particular, a sergipana. A escrita do autor, assim como todo lugar de enunciação que deseja afirmar sua diferença e ser reconhecido através dela, movimenta-se na tensão entre a semântica “catequizadora” da composição poética e o seu valor estético, como objeto de fruição de uma experimentação com palavras. O poema “Quelóide – 75” é um exemplo disso:

Calou o canto  
Pela sinfonia  
Deixou a dança  
Pela coreografia  
Nega tudo  
Pela visão do mito  
Busca cultura  
em troca da tradição  
coisa de negro  
branco já foi  
samba negro  
branco a ensinar  
cultura negra  
branco a ensinar  
samba negro  
branco mandou  
negro como vai

pergunte ao branco  
que é meu pai (D'ACELINO, 2018:107).

Em seu último livro *Cânticos de contar contos*, lançado em 2019, D'Acelino maneja o fluxo de sua verve literária de maneira rizomática. Ele bebe desde as primeiras linhas na história do Brasil, com destaque para Sergipe, reportando-se aos costumes em comum e às tradições culturais da população afrodescendente, sobretudo, evocando o protagonismo de escravizados, de libertos, de mulheres e homens negros, de sacerdotes e sacerdotisas das religiões de matriz africana, de divindades do panteão iorubá, sem, entretanto, deixar de fazer menção aos repertórios simbólicos, identitários e culturais da rede do Atlântico Negro. Os contos, ora têm uma preocupação estética, ora assumem um caráter militante, mas antes procuram, na medida do possível, conjugar as duas dimensões da “arte da palavra”.

Nomeadamente, histórias de quilombolas e libertos, como os legendários João Mulungu e Quintino de Lacerda; de africanos, como o lendário Herculano, de mulheres negras guerreiras, como Conceição e Maria Zenão; de antigas casas e lideranças dos cultos afro-brasileiros, como Alexandre e o terreiro Santa Bárbara Virgem, na cidade de Laranjeiras; de matriarcas do “sagrado”, como as mães de santo Zabé Gorda, Maria Bata Curta, Maria José das Areias e Maria Pelage; de manifestações da cultura popular “negra”, como as danças de São Gonçalo e Taieiras; de poetas do povo, como João Sapateiro, de Xangô e outros orixás, ritos e símbolos da mitologia iorubá; de lanceiros negros são alguns dos temas que compõem os enredos dos contos (D'ACELINO, 2019).

Consistem em tramas pouco, se não inapropriadamente, conhecidas e narradas por parte daqueles que pesquisam a história e a cultura sergipanas. Tramas das quais o autor de *Cânticos* também pode ser considerado um personagem de si mesmo, pelo menos no sentido *lato sensu*. Um personagem criativo, que ressignifica sentimentos, erigindo-os em obra literária que vem colaborando para a afirmação cultural e cidadã do negro na comunidade nacional. Sobre esse último livro de D'Acelino, Petrônio Domingues – doutor em história pela Universidade de São Paulo (USP) e professor da UFS – escreveu no prefácio:

A literatura possibilita momentos de alento, entretenimento e fruição artística, todavia, ela também pode assumir um sentido educativo, de conscientização e libertação de mentes e corações. Oxalá que D'Acelino – que acredita no potencial emancipador de sua pena – continue palmilhando as trilhas de fértil

pendor literário. Quem ganha com isso é a cultura em Sergipe, bem como a literatura afro-brasileira, que tem, nele, uma de suas talentosas expressões (DOMINGUES, 2019:17).

Antes mesmo da promulgação da Lei Federal n. 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira em todas as escolas públicas e privadas, D’Acelino já havia idealizado projetos de inclusão dessa temática nas grades curriculares do ensino fundamental e médio no estado de Sergipe. Um desses projetos foi aprovado pelo Conselho Estadual de Educação, em 1986, e outro, que previa a inclusão de conteúdos da cultura negra em concursos públicos, cursos de aperfeiçoamento do servidor público civil e/ou militar, foi sancionado pela Assembleia Legislativa, em 1999 (BISPO, 2015:44).

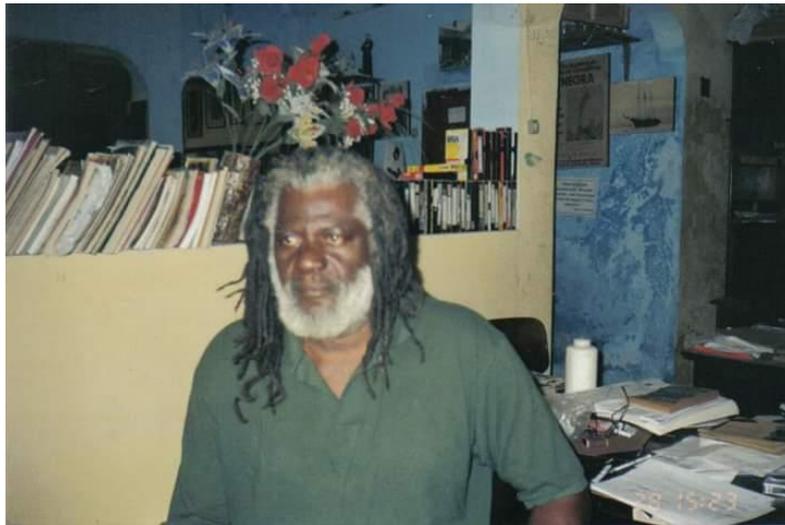
Também antes da Lei Federal n. 10.639/2003, D’Acelino já se dedicava ao trabalho de preparação de material didático e paradidático em vista da difusão de conhecimento acerca de fatos, personagens, lugares, ideias e conceitos que integram a experiência das populações negras e indígenas em Sergipe e no Brasil. *Cultura negra e perseguição ao candomblé de Sergipe* (1983), *Subsídio à educação do negro* (1984), *Religião e identidade* (1986), *Questões e condições do negro sergipano na conjuntura nacional* (1987), *Desenvolvimento e prática do movimento negro em Sergipe* (1989), *Desenvolvimento e prática do ogan em Sergipe* (1990), *Resistência e religiosidade do negro sergipano* (1994), *Remanescente nagô em Sergipe* (1996), *A tradição afro-brasileira em Sergipe* (1997), *Memorial Mulungu – resistência negra em Sergipe Del Rey* (1998), *Reaja contra o racismo* (2001), *O índio na formação sergipana* (2004), *A presença do negro na formação étnica sergipana* (2004), *Literatura negra e o negro na literatura* (2013), *A influência do negro na cultura sergipana* (2013), *João Mulungu* (2013) são alguns dos títulos dos materiais organizados por D’Acelino. Consistem em textos (monografias, apostilas e cadernos pedagógicos) de cunho didático, paradidático ou de divulgação. Entre 2001 e 2002, ele editou o jornal *Identidades*, um veículo de comunicação e difusão cultural especializado em questões afro-diaspóricas.

A motivação e o engajamento intelectual ao longo de décadas de criação cultural, pesquisa, leitura e escrita de livros e materiais de divulgação conferem a D’Acelino a condição de intelectual orgânico de seu grupo. Orgânico porque, ao realizar suas pesquisas e tematizarem a questão racial nas mais diversas áreas do saber, esses sujeitos produzem um conhecimento pautado não mais no olhar do “outro”, do intelectual branco comprometido (ou não) com a luta

antirracista, mas pelo olhar crítico e analítico do próprio negro como pesquisador da temática racial (GOMES, 2010:496).

D’Acelino já escreveu mais de três mil poemas sobre o negro, explorando os mais diversos aspectos da vida desse segmento populacional. Fatos, gestos, falas, ritos, símbolos, expressões corporais e emoções são versejados no ritmo da canção. Seus poemas, a maior parte deles ainda não publicados, são entoados pelos repertórios das tradições ancestrais africanas e suas heranças multiculturais do outro lado do Atlântico. Curiosamente, há cerca de uma década, sua produção literária passou a atrair o interesse de pesquisadores, por meio de capítulo de livro, artigos, dissertações e teses acadêmicas. Merece destaque aí a coletânea *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica* (Ed. UFMG, 2011), organizada por Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca. A obra é composta por quatro volumes que condensam a mais ampla pesquisa realizada em todo o país, visando mapear a produção literária afro-brasileira desde o período colonial até a atualidade (DUARTE; FONSECA, 2011). Um dos capítulos do segundo volume é reservado para a análise das composições literárias de D’Acelino (SILVA, 2011).

Embora a obra desse afro-sergipano comece a sair da invisibilidade no meio acadêmico, seu nome ainda é associado às hostes do movimento negro. Não é para menos. D’Acelino é considerado o decano do movimento negro sergipano no período contemporâneo. Em 1968, fundou o Grupo Regional de Folclore e Arte Cênica Amadorista Castro Alves (GRFACACA), que se dedicava ao teatro de rua e às manifestações folclóricas, assim como ele criou, em 1980, o Instituto Sergipano de Pesquisa da Cultura Popular Negra (ISPCPN), o setor interno de pesquisa do GRFACACA. Em 1986, esta entidade mudou de nome e sigla. Com o advento da Nova República, fato que marcou a redemocratização do país, o GRFACACA passou a se chamar Casa de Cultura Afro-Sergipana. E é esta a nomenclatura adotada pela entidade até hoje (DANTAS, 2003:51-56).



**Figura 4: Severo D’Acelino como Coordenador Geral da Casa de Cultura Afro-Sergipana, em 2004.**

Sobre a importância de D’Acelino para a formação do movimento negro em Sergipe, o depoimento de Djenal Nobre Cruz – um dos fundadores da União dos Negros de Aracaju, em 1986 – é revelador:

Severo D’Acelino, que era um ator negro e militante, montou o Grupo de Arte Cênica Castro Alves, a entidade mais antiga do movimento negro de Sergipe. Em geral, todo mundo do movimento negro passou por essa entidade. Era como se fosse a primeira formação. Foi uma figura de referência para o pessoal que veio depois. Ele trabalhava com poemas, trabalhava com teatro, chamava todo mundo do movimento negro, todo mundo que queria descobrir a cultura negra. Eu acho que ele foi fantástico, porque era uma figura que estava na ditadura militar, em que não se discutia essa questão, e ele dizia: ‘Tem racismo nesse país, nesse estado’ (ALBERTI; PEREIRA, 2015:236).

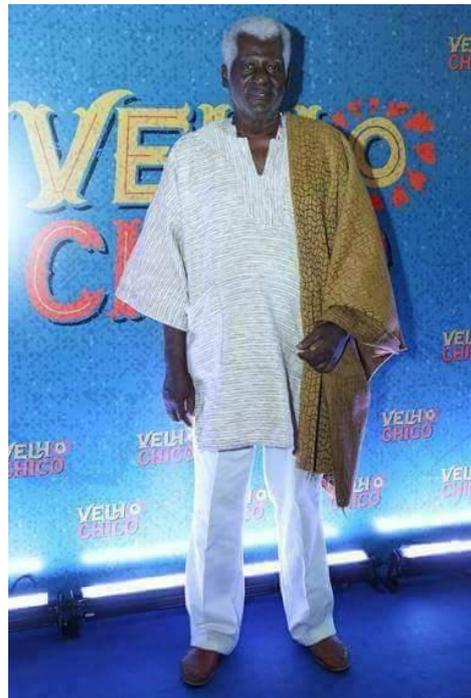
À frente da Casa de Cultura Afro-Sergipana, D’Acelino impulsionou diversas mobilizações preconizando a igualdade étnico-racial e a necessidade de esgrimir contra os preconceitos, as discriminações e as intolerâncias na sociedade brasileira. No campo educacional, ele encabeçou, a partir de 1999, o projeto “João Mulungu vai às escolas”, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação. Por meio de palestras, encontros e oficinas realizadas em diversas escolas públicas, da capital e do interior, ele abordava as questões relacionadas à história e à cultura afro-brasileira (BISPO, 2015:44-45). Impetuoso, D’Acelino liderou campanhas pelo reconhecimento dos personagens históricos João Mulungu e Quintino

de Lacerda como heróis negros sergipanos (DOMINGUES, 2015), bem como desfraldou a bandeira em defesa das comunidades remanescentes de quilombos (FRENCH, 2009), dos terreiros de matriz africana (PASSOS, 2015:73-79), das manifestações da cultura afro-diaspórica (como taieiras, São Gonçalo, cacumbi, samba de panelha etc.) (SANTOS; SANTOS, 2015). Articulando-se com grupos da Bahia, Alagoas, Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro, D’Acelino inseriu-se no cenário nacional da luta antirracista, tornou-se Conselheiro Nacional do Memorial Zumbi e participou de várias atividades que animaram o debate em torno das ações afirmativas. Aliás, seu longo trabalho em prol da valorização da história e cultura afro-brasileira já foi reconhecido por expoentes do movimento negro brasileiro, como Milton Barbosa – um dos fundadores do Movimento Negro Unificado (MNU), na cidade de São Paulo em 1978 –, que se refere a ele como um “mestre da cultura negra”:

É justo reconhecer que não é possível escrever a história do movimento negro em Sergipe sem a figura polêmica de Severo D’Acelino – este é um capítulo à parte. Quando ainda era estudante universitário fui posto em contato com as ideias e com a figura de Severo, sempre ligado com a Sociologia e com a Antropologia. Eram os anos 80 e continuei aprendendo com a presença de Severo em debates, palestras, simpósios, pelos anos 90, e, gratificadamente, continuo a aprender com as suas pesquisas, teorias e suposições. Severo, você é um Mestre. Não apenas porque ensina, mas, sobretudo, pela imperiosa necessidade de aprender. Comenta-se que, entre seus defeitos, consta um: o de não saber ouvir. Sou testemunha de que D’Acelino é um educador/educando, que sabe ouvir, sabe aprender, desde que tenham o que lhe ensinar. Quando olho para Severo D’Acelino, sempre penso no ‘intelectual orgânico’ de Antonio Gramsci. É aí que olho para a produção cultural desse Mestre e vejo que, apesar de não ter o merecido reconhecimento por parte da Academia, a Casa de Cultura [Afro-Sergipana], dirigida por ele, tem contribuído com uma produção cultural e intelectual que ultrapassa, ao largo, toda a produção amparada pela Academia dentro a mesma temática. O fato de Severo não pertencer às hostes da Academia fez desse monstro sagrado da cultura negra um negro livre, um livre pensador (BARBOSA, 2002:XLV-XLVI).

D’Acelino é um intelectual polivalente e multifacetado. Para além de autor acurado na cultura sergipana (tendo inclusive sido membro do Conselho Estadual de Cultura entre 2008 e 2010) e liderança histórica do movimento negro e dos direitos humanos, ele também desenvolveu vários projetos e atividades artísticas de cunho afro-diaspórico, como ator, diretor,

dramaturgo e coreógrafo (BENEVIDES, 2015:275-304). Dirigiu o documentário etnográfico *Filhos de Obá* – apresentado no Congresso de Cultura Negra das Américas – e diversas peças teatrais e espetáculos de dança (como *Terra, poesia e encanto*; *Navio negreiro*, *Vozes d’África*, *Algemas partidas*, *Suíte nagô*, *Dança dos inkices d’Angola*, *Águas de Oxalá*, *O castigo de Obá* e *Iybó Iná Iyê*). Interpretou o protagonista de *Chico Rei* (1985) no cinema e integrou o elenco do filme *Espelho d’Água* (2004), da minissérie da TV Globo *Theresa Batista, cansada de guerra* (1992) e da novela *Velho Chico* (2016).



**Figura 5: Severo D’Acelino na foto oficial do elenco da novela *Velho Chico*, da TV Globo.**

Da participação de D’Acelino no campo do audiovisual, o filme *Chico Rei* foi a produção que mais lhe conferiu visibilidade. Inspirada em uma lenda, a película conta a saga de Galanga, um rei africano que teria sido escravizado e enviado para a região das Minas, no período colonial do Brasil no século XVIII. Ali, rebatizado com o nome cristão Francisco, Galanga conquistou a sua liberdade, chegou a se tornar proprietário de uma mina de ouro e conseguiu alforriar outros companheiros de cativeiro. O filme chegou às telas do cinema em 1985. Recebeu ampla cobertura da imprensa. Foi exibido no Brasil e no exterior, mas, curiosamente, não entrou em cartaz em Aracaju, cidade onde D’Acelino residia. Para assistir à

sua atuação como protagonista no filme, ele alugou uma cópia da película e a exibiu em um telão na Casa de Cultura Afro-Sergipana. D’Acelino acusou, na ocasião, o deputado federal José Queiroz, proprietário de todos os quatro cinemas da capital sergipana, de boicotar o filme.<sup>5</sup>



Figura 6: Severo D’Acelino como protagonista do filme *Chico Rei*, em 1976.  
Crédito da imagem: Ricardo Beliel.

\*\*\*\*\*

Como é possível inferir, D’Acelino se revela um intelectual múltiplo em suas potencialidades, permanecendo, contudo, uno nas lições de afeição aos saberes afro-diaspóricos e populares e na fidelidade aos valores com que enreda a sua vida e a tornam um instrumento

---

<sup>5</sup> “Ator aluga telão para mostrar *Chico Rei*”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, A-26, 17/10/1987.

de combate incansável em favor da população negra e dos direitos humanos. Um intelectual que vem contribuindo para o acúmulo de esforços não só de produção e difusão cultural, mas também de construção de novas epistemologias – de novos saberes, fazeres e dizeres que acenam para a promoção de novos paradigmas, que colocam em interlocução com a ciência moderna os conhecimentos produzidos na vivência étnico-racial da comunidade negra.

Ao reivindicar o direito ao conhecimento e como produtores de conhecimento, os intelectuais negros desnaturalizam o cânone e ajudam a desvelar o quanto ele sempre foi racial, androcêntrico, classista e eurocêntrico. Ainda assim, tais intelectuais precisam de fôlego e competência para produzirem um conhecimento denso que se coloca como alternativa ao cânone.

Seja como for, a produção de D’Acelino interpela as tradicionais epistemologias construídas sob a égide da lógica da racionalidade ocidental moderna, que não dão conta de apreender a complexidade de expressões, vivências e sensibilidades afro-brasileiras. A partir de outro lugar de fala, sob o ponto de vista da reconstrução da história e da memória afro-descendente, ele coloca em diálogo as constelações de saberes advindos das mais diferentes experiências sociais, sem, contudo, deixar de beber no próprio saber científico. Trata-se da produção de um conhecimento sobre as relações raciais feita pelo negro e não sobre o negro ou para o negro, como tem sido a praxe acadêmica. Isso fica evidenciado na sua produção literária. Ao assumir a condição de um “eu-enunciador”, D’Acelino desestabiliza as bases da tradição literária brasileira, acostumada a atribuir ao negro uma condição subalterna, um lugar marcado pela inferioridade. Assumir a *negritude* no discurso de enunciação enseja D’Acelino a conferir centralidade aos problemas, desafios, impasses e dilemas de uma coletividade. Postulando outra perspectiva de análise da questão racial no universo acadêmico, ele tem enriquecido a agenda de reflexões e estudos sobre a população afro-brasileira. É escusado dizer, assim, que se trata de uma produção profícua e fomentadora da constituição de novos referenciais, valores, olhares, subjetividades e sociabilidades.

Outrossim, a obra de D’Acelino vaticina uma importante mudança no campo literário. Em vez de o escritor branco, ainda que engajado em causas sociais, falar pelo negro, tentar substituir o “outro” em seus discursos literários, a tendência é o “outro” constituir-se sujeito da representação de si. Que tendo sua presença e criação no contexto ficcional, possa expressar-se a partir de sua própria voz que emerge em espaços alternativos e periféricos.

Se a academia consubstanciou o conceito de *colonialidade*, na medida em que procurou dar conta das intenções ou das atitudes colonialistas dos descendentes de europeus e do resultado *passivo* da opressão negra daí proveniente, o envidar de esforços de D’Acelino, pela afirmação intelectual e ressignificação do campo étnico-racial (com seu resultado *ativo*) constitui, ao contrário, um processo de *descolonialidade* (GUIMARÃES, 2018:287).

Isto porque suas análises e reflexões caracterizam-se pela crítica aos padrões coloniais de poder, de raça, de trabalho e de conhecimento. Indagam a primazia da interpretação e da produção eurocentrada de mundo e do conhecimento científico. Sua obra – uma flâmula de luta e afirmação de identidade – descerra a disputa por outras narrativas. Narrativas negras. Narrativas diaspóricas. Narrativas que compõem a diversidade epistêmica no campo do pensamento descolonizado, “eivadas de aprendizados construídos na história e nas práticas e experiências culturais, políticas e sociais, que fazem parte dos processos de pluralidade interna e externa da ciência” (GOMES, 2019:244).

Por todas as razões elencadas, entendemos que a Universidade Federal de Sergipe deva conferir a D’Acelino o título de Doutor *Honoris Causa*. Tal reconhecimento dignificará ainda mais essa egrégia instituição, que, ao fazê-lo, confirmará sua vocação como espaço de reflexão, de produção qualificada e excelência acadêmica, espaço democrático e aberto aos anseios sociais, em diálogo com o que há de melhor – mais pulsante, meritoso, plural e comprometido com a busca da verdade, justiça, igualdade, direitos humanos e do respeito ao princípio magno da diversidade cultural e étnico-racial – dentro e fora dos muros do campus.



**Figura 7: Severo D’Acelino cumprimentando Asiru Olatoye OLANIYAN (Rei de Ilobu, Nigéria), na Universidade Federal de Sergipe, em 2019.**

Para o desfecho desse apanhado da vida e da obra de D’Acelino, talvez valha a pena se apropriar das palavras de Nilma Gomes – doutora em antropologia (USP) e professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – a respeito dos desafios candentes do intelectual negro:

As palavras e os conceitos não estão separados da vida, do mundo, da realidade, das contradições, das esperanças e desesperanças. Os intelectuais negros assumem um engajamento político e acadêmico porque acreditam que aquilo que produzem e escrevem não se reduz à interpretação da realidade segundo uma teoria específica ou um rol de conceitos. Na realidade, a sua produção tem um objetivo mais ousado: a emancipação social e racial (GOMES, 2010:505).

## Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo. *Histórias do movimento negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007.

ALBERTO, Paulina L. *Terms of inclusion: black intellectuals in twentieth-century Brazil*. Chapel Hill, N.C.: The University of North Carolina Press, 2011.

BARBOSA, Milton. “Um mestre da cultura negra”. In: D’ACELINO, Severo. *Panáfrica África Iya N’La*. Aracaju: MemoriAfro, 2002, p. XLV-XLVI.

BENEVIDES, Lourdisnete Silva. *Abram-se as cortinas: a história da formação teatral em Aracaju, Sergipe (1960-2000)* – Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

BISPO, Denise Maria de Souza. *História e cultura afro-brasileira em Sergipe: antecedentes da Lei 10.639/03 – (1980-2003)* – Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

BRITO, Deogenes Duarte de. *A Casa de Cultura Afro-Sergipana: uma contribuição ao movimento negro em Sergipe (1969-1998)* – Monografia (Bacharelado em História), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2000.

D’ACELINO, Severo. *Racismo nas escolas e educação em Sergipe*. Aracaju: MemoriAfro, 1998.

\_\_\_\_\_. *Panáfrica África Iya N’La*. Aracaju: MemoriAfro, 2002.

\_\_\_\_\_. *Mariow: o terreiro de Ba’ Emiliana*. Aracaju: MemoriAfro, 2008.

\_\_\_\_\_. *Opará revisitado*. Aracaju: J. Andrade, 2016.

\_\_\_\_\_. *Quelóide*. Aracaju: J. Andrade, 2018.

\_\_\_\_\_. *Cânticos de contar contos: revisitação à ancestralidade afro-sergipana*. Aracaju: MemoriAfro, 2019.

DANTAS, Paulo Santos. *Construção de identidade negra e estratégias de poder: o movimento negro sergipano na década de 1990* – Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

*DEMOCRACIA EM RISCO?: 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DOMINGUES, Petrônio. João Mulungu: a invenção de um herói afro-brasileiro. *História: Questões & Debates*, Curitiba, v. 63, n. 2, 2015, p. 211-255.

\_\_\_ “Prefácio”. In: D’Acelino, Severo. *Cânticos de contar contos: revisitação à ancestralidade afro-sergipana*. Aracaju: MemoriAfro, 2019.

DUARTE, Eduardo Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FRENCH, Jan Hoffman. *Legalizing identities: becoming Black or Indian in Brazil’s Northeast*. Durham: Duke University Press, 2009.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. “Apresentação”. In: GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 7-37.

GOMES, Nilma. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 492-516.

\_\_\_ “O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos”. In: BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson e GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 223-246.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. “O pós-colonial e os estudos afro-brasileiros”. In: BRAGA, Ruy; CAHEN, Michel (Orgs.). *Para além do pós (-) colonial*. São Paulo: Alameda, 2018, p. 285-300.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, 1995, p. 454-478.

PASSOS, Lucas Santos. *Tombamentos de templos religiosos em Laranjeiras/Sergipe*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

SANTOS, Adriane de Jesus; SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Severo D’Acelino e a defesa da cultura negra em Sergipe. *Práxis Pedagógica*, Aracaju, v. 3, 2015, p. 49-64.

SILVA, Rosemere Ferreira da. A construção do sujeito histórico em José Saramago, Uhaenga Xitu e Severo D’Acelino. *Afro-descendência em Sergipe: um olhar sobre a produção cultural de Severo D’Acelino*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

\_\_\_ Severo D’Acelino e a produção textual afro-brasileira. *Revista África e Africanidades*, n. 1, 2008.

\_\_\_ “Severo D’Acelino”. In: DUARTE, Eduardo Assis (org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. vol. 2. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 293-304.

SKIDMORE, Thomas E. “Raça e classe no Brasil: perspectiva histórica”. *In*: SKIDMORE, Thomas E. *O Brasil visto de fora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p. 131-149.